**ATOS DE VIOLÊNCIA E DOR EM *CONVERSACIÓN AL SUR,* DE MARTA TRABA**

**Maria Suely de Oliveira Lopes-PPGLETRAS/UESPI[[1]](#footnote-1)**

**RESUMO**

Este trabalho debruça-se em torno da obra *Conersación al sur* ( 1981) da escritora Argentina Marta Traba. A narrativa aborda relatos da ditadura militar na Argentina vivenciadas pelas personagens Irene e Dolores por terem testemunhado esse movimento político. A conversaentre as duas personagens é uma forma de desafiar a ideologia patriarcal e militar. Marta Traba retoma, por meio dos relatos, cenas de violência levando , muitas vezes a interrupção da vida dos sujeitos, em especial às mulheres que tiveram suas vidas e a vida de seu familiares reprimidas, ou ainda, interrompidas pelo estado autoritário que age como coator e intensificador do sofrimento humano. O trabalho objetiva fazer reflexões sobre a ditadura em diálogo com a metaficção historiográfica propõe uma leitura alternativa do passado como uma crítica à história oficial. Por isso seu caráter contraditório, pois nega exatamente a veracidade de seu objeto. Recupera e, ao mesmo tempo, recusa os pressupostos históricos. A metaficção historiográfica , de acordo com Hutcheon(1991)defende que só existem “verdades”, no plural, e jamais uma só verdade definida. Além disso, o que diferencia a narrativa ficcional da histórica são suas estruturas, as quais são contrariadas pela metaficção. Este trabalho é de natureza qualitativa e de cunho bibliográfico, e se justifica por divulgar resultado de pesquisas feitas durante o pós-doutorado. Esta reflexão pauta-se em Seligmann-Silva (2008), Sanjurjo (2015), Montanêz (2013), Agaben(2004), entre outros. Os resultados apontam para casos de violência como exemplos comumente encontrados na Argentina em decorrência da Ditadura.

 **PALAVRAS-CHAVES**: Literatura. Violência. Dor*. Conversación* *al sur*

**INTRODUÇÃO**

 Nossa intenção neste artigo é trazer a questão da violência como fator de interdição dos sujeitos na narrativa *Conversación al Sur* (1981),obra literária latino-americana da escritora argentina Marta Traba, intelectual e representativa para seu país e que produziu diversas obras no campo da literatura testemunhal. Sua escrita está inserida no campo dos escritores que, guiados pelo engajamento político, utilizam-se do texto literário para denunciar o terrorismo e a repressão ocorrida durante a ditadura militar.

**SOBRE A OBRA**

 A obra *Conversación al Sur* (1981) de Marta Traba traz como tema o golpe militar em 1976 na Argentina resultando na queda do poderio do presidente Juan Domingos Perón que foi marcado por um período turbulento pela ditadura, e que através de perseguições e assassinatos, buscava combater o peronismo e as correntes socialistas e comunistas da época. Os setores populares reivindicavam por seus direitos trabalhistas e sociais e, segundo Grandis (1992), o peronismo sempre esteve ligado às demandas sociais dos âmbitos populares. E para os setores militares este movimento era visto como um fenômeno irracional. Esse período é ressemantizado em *Conversación al Sur* (1981), em que as personagens principais, Irene e Dolores, vítimas de opressão e violência, retomam através da memória alguns fatos da história e, por meio destes, mostram um panorama do regime ditatorial e as marcas físicas e psicológicas que guardadas em suas memórias.

 **A HISTÓRIA CONTADA POR DUAS MULHERES**

 A partir de sua experiência como exilada e de tudo que presenciou, Traba narra em *Conversación al Sur* (1981) atos abusivos da ditadura nas décadas de 1970 e 1980 na América Latina, especialmente aos países que pertencem ao cone sul (Buenos Aires, Montevidéu e Santiago). Essa obra, como outras que narram as agruras da ditadura militar na Argentina, descreve calamidades históricas deixando marcado o comprometimento com o “real”, com a memória das vítimas da ditadura e com a sociedade.

 O enredo transcorre através de uma conversa entre duas personagens, Irene, ex-atriz de 40 anos e, Dolores, uma militante e escritora de 28 anos. Durante a conversa algumas cenas da ditadura são retomadas e vivenciadas pelas personagens, com o auxílio da memória. Entre uma frase dita e outra a ser construída, percebemos os momentos de dor e desespero sentidos pelas vítimas da ditadura. O diálogo proferido pelas duas personagens não deixa de aludir ao sentimento de impotência diante das atrocidades provocadas por esse evento político. Durante a narrativa, Irene e Dolores nos fazem perceber o quanto suas vidas e desejos foram interrompidos, interditados e estilhaçados.

 A interdição, no contexto da ditadura, é o ato que se retira de determinada pessoa a possibilidade administrar sua própria vida, impedindo que as pessoas estabeleçam um diálogo com a liberdade de expressão, ao contrário, incentiva a censura e a repressão. A interdição da vida e da liberdade são uma constante nesse tipo de narrativa; os seres são violentados e só alguns, uma pequena minoria, conseguem sobreviver, mas carregam consigo o trauma de uma vida interrompida. Nessa conjuntura, a morte seja ela física ou não, consiste em ser um ato de violência e de interdição das vontades.

 Sanjurjo (1981, p.55) afirma que foi pela violência que empreendeu contra a população civil que a última ditadura militar argentina (1976-1983), auto proclamada *Proceso de Reorganización Nacional,* se tornaria conhecida. Ainda diz que dentre os métodos utilizados para a imposição do terror, destaca-se a política de desaparecimento forçado daqueles definidos pelas autoridades como “terroristas subversivos” e “inimigos da nação”, inimigos de uma nação “ocidental e cristã”, como as autoridades militares ressaltariam em seus discursos. E em consequência fica mais evidente a prática do desaparecimento forçado como principal metodologia repressiva desse sistema ditatorial. Podemos citar o número de vítimas, estimado entre 10 mil e 30 mil pessoas 20, e, a maior parte delas jamais foi localizada, nem se sabe ao certo quando, onde e em que condições foram assassinadas. Observa-se, como efeito, um processo permanente de luto pelos desaparecidos e de reelaboração de sua memória na esfera pública, sobretudo pelos familiares diretos das vítimas.

 Em *Conversación al sur* (1981), Traba traz o contexto da dor e narra a dolorosa e aterradora espera dos desaparecidos as vésperas de sua execução. Em meio a esse horror, nos limites da ficção e a realidade, a literatura surge como forma de resistência, causando estranhamento e perplexidade. É nessa linha de pensamento que Cândido (1995) compreende a literatura como formadora do pensamento crítico dos indivíduos, tornando-os capazes de reconhecer diferentes pontos de vista. Segundo ele, a literatura ―confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas‖ (CANDIDO, 1995, p. 243). Desta maneira, a literatura continua sendo o meio mais eficaz contra a repressão, contra “a morte social, o esquecimento‖ (UMBACH, 2012, p. 217)”. Ela funciona como um registro da história, que, conforme Assmann (2011) busca reconstruir o que historicamente aconteceu.

 E, assim, a literatura que emerge do horror parece estar além das palavras, na tensão entre a perspectiva política e a subjetiva, ambas elaboradas no nível da linguagem:

O encontro entre as duas mulheres, Irene e Dolores, é uma história que reúne outras histórias que não passam de rupturas ou variações de uma: a da mulher frente à ditadura. A história de Luisa, Elena, Victoria, nora de Irene. O texto de Traba inverte o mito do eterno feminino, trabalhando a relação entre mulheres e história como uma relação agonizante, mas ativa onde a existência se transforma em pesadelo, onde predomina o temporal, o relativo sobre o espacial, o absoluto: «vamos nós em partes, irmã, para ver se somos inventores ou testemunhas ”(TRABA,, 1981, p. 19).

 Isto posto, podemos atestar que do encontro das duas mulheres, Dolores e Irene, ressurgem histórias, entre essas, a questão da violência contra a maternidade. Os filhos foram retirados de suas mães de forma brutal e a dor e as separações transformaram-nas em seres esfacelados. O corpo feminino apartado do seu objeto de desejo torna-se, ao resistir, um objeto de repúdio e seu caráter portador de vida torna-se ambíguo. Logo, na fronteira entre o humano e o animal, as mulheres se tornam entranhas, resgatando o humano do biológico. É por meio da palavra ("essa presença feita de ausência", segundo Jacques Lacan,1995) que se dá o encontro com a História. A palavra é resgatada pela letra que a simula, a fábula.

 Na opinião Perilli (2002), repressão transforma o sujeito em um objeto, em um corpo violentado, em um corpo torturado, um corpo espancado, um corpo subtraído, um corpo desarmado e diminuído, sendo expurgado dele tudo o que é vida. O corpo "quebrado" de Dolores, os pacientes sangrentos que a cercam, sua incontinência, seus olhos como cavidades, funcionam como uma palavra que escreve uma História: «Se você imagina tudo, o pior, o implausível, o aberrante, você está treinando para a realidade”. Acho que as coisas são suportáveis apenas se você conseguir imaginar algo pior ” (TRABA, 1981 p. 34).

 As mães, principalmente, com o desaparecimento dos seus filhos foram forçadas a demarcarem seus lugares. Do espaço privado (a casa), elas conquistaram o espaço público por excelência (a praça), para manifestar suas dores pela falta dos filhos contra o país que resolve ignorá-los.

 Na narrativa, as palavras foram cortadas por soluços e uivos, como:

“ Pensei ouvir de vez em quando, onde estão eles, onde estão? mas talvez eu tenha imaginado. No entanto, eles tiveram que perguntar algo que mobilizou a raiva geral, porque a massa de mulheres avançou como uma maré ... Eu fiz o mesmo que as loucas, e não posso dizer o que senti; como se estivessem prestes a arrancar minhas entranhas e agarrá-las com uma força insana para salvá-las ”(TRABA,1981, p. 89).

 A figura materna é uma referência essencial para a trama, um elo indissolúvel e resistente às intempéries: mães angustiadas por não saberem o paradeiro de seus filhos; mães cruéis transformadas em tiranas; mulheres forçadas a abortar com golpes; mulheres torturadas com sequelas que os tornam impossibilitadas para a maternidade; mulheres que abortaram para continuar na luta; mães de luto marchando na Plaza Del Mayo; e fortes laços artificiais, de mãe e filha, surgiram repentinamente entre estranhos . No romance, a expansão do espaço permissível aos indivíduos sob o regime militar encontra-se presente a todo o momento, como, por exemplo, nas passeatas das *“Madres de la Plaza de Mayo”*, as quais, silenciosamente, em seu protesto vão ganhando espaço:

¿Así que éstas eran las locas de Plaza de Mayo? Increíble tal cantidad de mujeres y tanto silencio; sólo se oían pasos rápidos, saludos furtivos. **Ni un carro celular, ni un policía, ni un camión del ejército en el horizonte. La casa** rosada parecía un escenario irreal, con las ventanas cerradas por espesos cortinajes. Tampoco los granaderos estaban montando guardia en la puerta. Fue cuando advirtió la ausencia de los granaderos que la operación del enemigo se le hizo horripilantemente transparente: se borraba del mapa la Plaza de Mayo durante las dos o tres horas de las habituales manifestaciones de los jueves. No podían ametrallar a las locas ni tampoco meterlas presas a todas. (TRABA, 1981, p. 87) [grifos da autora].[[2]](#footnote-2)

 No relato, afirma Vidal (2004), Traba desafia através da palavra a “autoridade” do regime. Escrevendo desde sua posição marginal de exilada, condena o regime ditatorial através de uma narrativa testemunhal escrita na forma de uma conversação, no que se projeta toda a violência do sistema militar: desamparo, dor, agonia, angústia, horror, são sentimentos presentes na narrativa. A distância do exílio permite a Traba à possibilidade de escrever e elaborar na escrita a experiência traumática da perseguição, da tortura e do encarceramento. De uma literatura marcada pelo trauma, “emerge uma subjetividade fraturada por uma experiência que a excede. As narrativas do exílio estruturam-se em torno do trauma para construir a partir dele uma trama ficcional que tem o compromisso ético de transgredir a resistência da linguagem para poder escrever o real da história” (VIDAL, 2004, p. 20).

 O marco real da história foi à nefanda crueldade com que as ditaduras do Cone Sul exerceram sua violência, na grande maioria contra jovens adolescentes, apartados de suas famílias, de seus afetos, de suas raízes, amadurecidos prematuramente pela brutalidade das circunstâncias:

 [...] Sin decir nada, sin gritar, las mujeres levantaban las fotos lo más alto posible. ¿Para qué si nadie las veía? Calculé que no pasaría mucho tiempo antes de que esas caritas casi infantiles fueran irreconocibles a fuerza de estrujarlas y sobornarlas. Cerca de mí una vieja levantaba con las dos manos una foto de estudio artístico de barrio. La muchacha de la foto sonreía tiesa, ladeando la cabeza como seguramente le había exigido el fotógrafo [...] (TRABA,1981, 89-90).[[3]](#footnote-3)

 Consoante a Masiello, (1987), toda lei sugere o lugar de sua proibição. Como no romance, a conversa sobre os horrores da ditadura está sujeita à vigilância e ao controle, as mulheres do relato encontram maneiras de usar seus próprios corpos para subverter o linear do discurso, que é interrompido a todo o momento nas sucessivas idas ao banheiro ou nos momentos de preparação das comidas. Esse estratagema biológico de resistência permite subverter a ordem linear do discurso, evitando assim, os códigos dos censores, entrecortando o discurso para deixá-lo incompreensível. Nesta narrativa, o corpo – palimpsesto em que se pode ler os diferentes momentos de submissão e de liberação – e o lar tornam-se refúgios “quase seguros” para burlar o sistema, mostrando dessa forma, como a mulher não se encontra necessariamente subordinada à vontade do repressor. O lar – lugar de poder e de perigo – ao ser usado como espaço secreto da clandestinidade, onde as ideias e as conversas resistem à vigilância, cria um refúgio provisório que protege dos perigos e exigências externas do espaço público.

 Com a invasão do espaço doméstico pelo aparato repressivo se dá a “politização do privado”. O Estado viola física, ideológica e discursivamente os espaços privados para poder impor e controlar seu poder monológico. Para a ditadura não existe, como assinala Dejbord (2000, p.22), possibilidade de espaço privado já que até o corpo físico é politizável.

 A violência do poder, como afirma Dejbord (2000), é sempre semântica: massacrar os rebeldes não serve para nada senão se mata ao mesmo tempo a crônica do massacre. Podemos dizer que o discurso repressivo que domina, elimina o corpo, também oculta e mata outros discursos.

 A escrita de Traba, como afima Assis e Cerqueira ( 2017) [[4]](#footnote-4)é fonte fidedigna da realidade por conta da presença do imaginário. Seguindo esta linha, os fatos contidos em *Conversación al sur* e em outras narrativas testemunhais podem ser interpelados, mas contrapondo a esta visão devemos considerar que,” A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. Esse encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. (SELIGMANN SILVA ,2008, p.70).

 Traba deixa registrado em sua escrita as marcas da violência e dor que, embora recuperados pela memória traumática, deve atuar de forma que liberte as sujeitas de fatos traumáticos e que são motivos de perturbação. Ademais , podemos inferir que, durante o diálogo , percebemos medo entre as interlocutoras. Irene sofre pelo seu filho que está em Santiago, vendo-se a si mesma realizando futuramente o mesmo movimento que las Madres de la Plaza de Mayo. Portanto, a voz de Traba , por meio de *Conversación al sur* ,impede de esquecer uma tragédia de dimensões amplas, a qual com o passar do tempo tende a desgastar por causa do esquecimento e da indiferença, estratégia de resistência empregadas por muitos membros da sociedade para poder continuar vivendo a tragédia.

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

 Narrar catástrofes como propõe Marta Traba em *Conversación al sur*(1981) está relacionado com escrita de resistência, pois, a partir do momento que uma mulher toma a pena para rememorar fatos políticos por meio da linguagem, ela se coloca como sujeita indo contrário ao sistema de repressão dominante.Como sobrevivente de um período conturbado na Argentina, Marta consegue reestruturar fatos ocorridos e recuperar o passado, sendo esse uma marca latente em sua escrita , demonstrado, muitas vezes, pela maneira de expressar o que era difícil se dizer em decorrência dos anos difíceis. Na obra em análise, os fatos ocorridos incentivaram o surgimento de uma escritora combatente que usa sua escrita como uma arma de compromisso com a história. O que não poderia ser dito, Traba nos diz em forma de testemunho, como uma sobrevivente de fato.

 Em *Conersación al sur*, Traba desafia por meio da palavra “autoridade”do regime. Escrevendo a partir de sua posição marginal de exilada, condena o regime ditatorial por uma narrativa de testemunho escrita na forma de conversação, na qual se projeta toda a violência do sistema militar: desamparo, dor, agonia, trauma são sentimentos que permeiam a obra.

 Os anos da ditadura Militar na Argentina foi cruel e sangrento, a estimativa é de que aproximadamente 30 mil argentinos foram sequestrados pelos militares. Os opositores que conseguiam se salvar fugiam do país, o que representa aproximadamente 2,5 milhões de argentinos. Em *Conversación al sur* , Dolores e Irene entre uma lembrança e outra atualizam a conversa. Lembrar e reviver são experiências simultâneas; que possibilitam presumir realidades, curar feridas, trazer a tona sofrimentos, combater medos e até evocar fantasmas. A ditadura militar agia violentamente contra qualquer pessoa que viesse a se manifestar contra o sistema. Os seus métodos eram agressivos, o que levavam os militares a tomarem uma posição totalmente contra a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a qual o Brasil já era signatário nesta época.

 Traba lida com tempo e espaço narrativos como tempo e espaço no mundo. As últimas passagens enunciam o advento da catástrofe suspensa pela palavra. Embora o discurso das protagonistas dissolva o discurso da repressão, seus corpos sucumbem sob seu efeito.

 Se o ruído externo aprisiona as palavras, imobiliza as palavras; a violência fecha vidas. A única coisa duradoura é escrever como descanso. As instruções do autor para percorrer o texto são o título em que os dois substantivos desenham as linhas do itinerário do leitor. Encontramos uma conversa, um diálogo extenso e estranho entre as mulheres. Palavra, linguagem, mulher são associados significativos na convenção social que naturalizou a imagem feminina. E assim nos lembramos das mães da Praça de Maio impedidas de terem seus filhos; avós na Praça de Maio, os familiares desaparecidos, e à humilhação, também se estenderam a amigos e familiares, que até hoje não sabem o paradeiro dos mortos em tortura e guerrilhas. Podemos ressaltar que entre os atos abusivos praticados pelo governo, há um que estilhaça o ser humano : o de terem seu sonhos, seus desejos interrompidos, muitas vezes, sem perspectiva de recomeçarem.

**REFERÊNCIAS**

ASSIS, Luana Isabel de . CERQUEIRA, Gisele Bonfim.(2017). *Memória e Testemunho no romance Conversación al sur*. In: Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), N. 14 (Vol. 7), p. 435–450.

ASSMANN, A. (2011). *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural.* Campinas: UNICAMP.

CANDIDO. Antonio.(1995). O direito *à* literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades.

GRANDIS, Rita de.(1992). *Lo histórico y lo cotidiano en Operación Masacre de Rodolfo Walsh: del suceso a la guerra popular*. Centro virtual Cervantes. v. XI, AIH Actas, p.306-313.

LACAN, J. (1995). *O Seminário livro 4, A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MASIELLO, Francine.(1987). La argentina durante el Proceso: las múltiples resistencias de la cultura”. In: BALDERSTON, Daniel et all.*Fiction y política.La narrativa argenina durante El processo militar.Buenos Aires*:Alianza Editorial/Intitute for the study of ideologies &literature, University of Minnesota.

PERILLI, Carmen.(2002). *De sussuros e gritos. Conversación al Sur.In: En El Mundo de lãs Ideas e Ideales.* Revista Latino-Americana de Ensayo Fundada em Santiago de Chile.

SELIGMANN-SILVA, Márcio.(2008) . *A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, v. 20, n.1, p.65-82.

###  SANJURJO, Liliana, FELTRAN, Gabriel.(2015). Sobre lutos e lutas: violência de estado, humanidade e morte em dois contextos etnográficos*. In:Ciência e Cultura* .

TRABA, Marta.(1981) *Conversación al Sur.* México: Siglo XXI editores, 1981.

UMBACH, Rosani Ketzer. (2012) .*Violência, memórias da repressão e escrita*. In: SILVA, Seligmann et. al. (org.). Escritas da violência: o testemunho. v.1. Rio de Janeiro : 7Letras, p. 217-227.

VIDAL, Paloma.(2004) . *A história em seus restos: Literatura e exílio no cone sul.* São Paulo, AnnaBlume . Editora, (Selo Universidade, 279).

.

1. Prof.Dra. do PPGLETRAS/UESPI [↑](#footnote-ref-1)
2. Então essas eram as loucas na Plaza de Mayo? Incrível quantidade de mulheres e muito silêncio; só se ouviam apenas passos rápidos, cumprimentos furtivos. Não é um carro celular, nem um policial, nem um caminhão do exército no horizonte. A casa rosa parecia um cenário irreal, com as janelas fechadas por grossas cortinas. Nem os granadeiros estavam de guarda na porta. Foi quando ele notou a ausência dos granadeiros que a operação do inimigo era terrivelmente transparente: a Plaza de Mayo foi apagada do mapa durante as duas ou três horas das demonstrações habituais de quinta-feira. Eles não podiam maquinar as pessoas malucas nem colocá-las na prisão. (TRABA, 1981, p. 87) [tradução nossa]. [↑](#footnote-ref-2)
3. [...] Sem dizer nada, sem gritar, as mulheres levantam as fotos o mais alto possível. O que você viu para eles? Estima-se que, no passado, muitas vezes antes desses rostos, os filhos casados ficariam irreconhecíveis pelo poder de arruiná-los e superá-los. Acima de mim, uma foto de suas mãos com uma foto do estúdio artístico de Barrio. A garota na foto sonhava com Tiea, flanqueando a cabeça com tanta certeza quanto [...] o fotógrafo exigia (Idem, pp. 89-90).[Tradução nossa] [↑](#footnote-ref-3)
4. Travessias Interativas / São Cristóvão (SE), N. 14 (Vol. 7), p. 435–450, jul-dez/2017 [↑](#footnote-ref-4)